

Expressões pittorescas

Com a colaboração do corpo medico do Estado, os "Archivos Rio-Grandenses de Medicina" já recolheram as mais interessantes expressões ou vózes que a linguagem popular utiliza "para descrever certas sensações e determinar as diversas regiões do corpo". Entretanto — apesar de poucas e desinteressantes como os grãos esparsos na seára depois da colheita — seja-me permittido offerecer ainda mais as seguintes, ouvidas no Hospital ou lidas algures:

Empate — prisão de ventre.

Córre-córre — diarreia.

Carrinhos — maxillares. Em um "Vocabulario Sul Riograndense" do dr. J. Romaguera Corrêa, publicado em 1889, lê-se: "subs. m. pl—os maxillares inferior e superior; diz-se: Dôem-me os carrinhos, isto é, os maxillares. Diz-se igualmente "carretilhas."

Cangóte — cachaco, a parte posterior do pescoco.

Fulato — flato, flatulencia.

O trisyllabo ocorre em um livro de Rodolpho Theophilo: "Ter pena de sangue de negro só o Chico, porque é doente de fulato" ("O Paroára", pg. 38.) No caso, a musa popular, introduzindo uma vogal entre duas consoantes, ter-se-ia limitado ao uso de um metaplasmo phonico—epenthese—confirmando desse modo a observação de um ethnologista: "Aqui (no Brasil), articulam-se todas as syllabas e onde ha diphthongos ou triphthongos sente-se, ou, mesmo, ouve-se a tendencia de intercalar uma abrandante vocal" (Rev. C. Teschauer "Poranduba rio grandense" ed. 1903). No mesmo livro de Rodolpho Theophilo (pagina 112) lê-se esta quadrinha do norte:

Cabocla do Ceará

Ou está prenhe ou está parida;

Duvido, não sendo **moça**,

Que passe mez **assistida** —

que encerra dois brasileirismos: — **moça**, na acceção de mulher virgem, donzella; e **assistida**, adjectivo verbal, regrada, que se diz da mulher quando se acha no periodo catamenial; e já registrado nas columnas dos "Archivos" (numero 2, de março de 1920, pg. 72.).

Ter o incommodo | são equipollentes

Ter o mez..... | de estar **assistida**.

Calundú — máo humour, aborrecimento.

Mal da terra — ancylostomiasse "Tenho tratado numerosos doentes desta molestia, sem ter perdido um só, de modo a poder verificar nos intestinos a presença do anchylostomo duodenal (sic), verme a que se attribue a molestia... O cortejo de symptomas é identico aos da hypoemia intertropical" — assim se expressava em lettra de forma, ha vinte annos, o sr. L. Cidade.

Bichas, bicho de pé — C. Aulete menciona bichas (no "Dic. Contemp." 1881) nos multiplos significados, inclusive os de sangue-sugas e lombrigas ou vermes intestinaes; mas não allude ao **bicho de pé**, que parece ser nacional, nosso, e daqui exportado.

Cobreiro — No mesmo dictionario encontra-se: "cobrelo—erupção cutanea que os medicos denominam **zona**".

Empalamado — pallido, adoentado. (Teschauer: "pallidez de pessoas hydropicas ou de hypoemia intertropical").

Febres á polka — E' expressão posta como vulgar na bocca de um massador: "O que sei com toda certeza é que a mulher morreu de febre á polka em casa do Felicio Marques" (França Junior — "Folhetins" — ed. 1905 — pg 21). E que a Academia Brasileira de Lettras perfilhou como brasileirismo significando — grippe. (Vide Revista da Acad. B. de L. anno I, n.º 2, 1910, pg. 410).

Sapiranga — blepharite. Occorre em Araripe Junior ("Gregorio de Mattos" pg.

12): “lembrando-se de umas creanças... que soffriam de sapiranga”. Também é adoptado pela mesma Academia (Vide a mesma Revista, anno II, nº 3, 1911, pg. 122).

Mas, ao par destas expressões — febres á polka e sapiranga — talvez simples neologismos litterarios com fóros de cidade pela adopção academica, encontramos frequentemente na anamnese dos pacientes vocabulos consagrados pelo uso popular diario em accepções que os lexicos omittem, por inadvertencia ou desprezo. Taes, por exemplo:

Abombado e aplastrado: Trabalhei muito, ao sol, nesse dia, e estava aplastrado (ou abombado).

Rengo — manco. Depois do tombo fiquei rengu, capenga.

Embretar — comer, ingerir alimentos.

Garrão — tendão de Achilles.

Procurando o significado delles na opinião dos homens doutos que editam Glosarios, encontramos: Aplastrado, de origem castelhana, exprime o mesmo que abombado e ambos dizem-se do “cavallo quando, tendo feito grande viagem em dia de calor, fica em estado de não poder mais caminhar”, segundo C. Teschauer (loc. cit.) apoiado na autoridade de outros, inclusive Aulete; — embretar, conforme o mesmo auctor significa, na campanha do Rio Grande do Sul, metter gado no curral; — “garrão, brasileirismo, nervos (*sic*) da perna de animal cavallar” (Caldas Aulete, loc. cit.); “rengu, termo do Rio Grande do

Sul, diz-se do cavallo manco da perna ou que a arrasta caminhando” (Idem, ibidem.)

Não obstante essa tacita e nitida repulsa dos dictionarios, o povo continúa a empregar as expressões que forja, certo de que: usus quem penes arbitrium est et jus et norma loquendi — como assegurava o *sympathico* Horacio.

E como não somente aqui, entre nós, a linguagem medica, ou para medica, soffre enxertos leigos — seja-me tambem, por fim, concedido, por via de amenizar estas linhas, que importe de França duas expressões pittorescas, uma popular e litteraria a segunda.

Os filhos da **Marianne** apelidaram o cabital de **petit-juif**. Sabem porque? Porque, offendido ou abalroado esse nervo do cotovello acarreta a contracção brusca dos musculos flexores dos dedos, reproduzindo assim a imagem classica dos gestos de avaricia ou de ganancia (Ed. Brissaud: Histoire des expressions populaires relatives á la medicine — citado por Albert Cim).

Maranzac, official da cõrte de França no seculo 17, celebrisado por seus ditos e phrases ingenuas, achando-se de uma vez, indisposto, á meza de um banquete, levanta-se; “on lui en demande la rason: — Monseigneur, dit-il, je n’y puis plus tenir, j’ai un **torticolis** horrible dans le **ventre**” (Ibidem).

Dr. Gr. Sá.